



**TEOLOGIA  
EM REVISTA**

# **Dromorrelição: O Culto à Velocidade. Um Ensaio de Teologia Prática**

**Ivan Durães  
Ricardo Bitun  
Vinicius Couto**

# DROMORRELIÇÃO: O CULTO VELOCIDADE. UM ENSAIO DE TEOLOGIA PRÁTICA <sup>1</sup>

Ivan Durães<sup>2</sup>

Ricardo Bitun<sup>3</sup>

Vinicius Couto <sup>4</sup>

## RESUMO

O presente artigo científico investiga o fenômeno que denominamos, em neologismo de nossa lavra, dromorrelição, compreendido como o culto contemporâneo à velocidade e à quantidade em parte do campo religioso cristão, seja no espectro virtual, seja no não-virtual. Partindo da teoria dromológica de Paul Virilio e dialogando com as contribuições de Zygmunt Bauman e Pierre Bourdieu, o estudo examina de que modo a dromocracia, entendida como a imposição político-tecnológica da velocidade sobre as relações humanas, tem submetido igrejas e ministérios a uma lógica de crescimento numérico desvinculada da missão de anunciar o Reino de Deus. O trabalho problematiza a substituição da lógica profética pela lógica de mercado no seio das comunidades eclesiais, com especial atenção às práticas de arrecadação financeira e à onipresença das ofertas religiosas na cultura digital. Por fim, propõe-se, a partir de fundamentos bíblicos, um caminho de discernimento pastoral diante da dromocultura, no qual o discipulado, a comunhão fraterna e a fi-

1 Este artigo é resultado de pesquisas relacionadas ao Centro de Pesquisa Pentecostal (CPP) da Faculdade Evangélica de São Paulo (FAESP) quanto ao grupo de pesquisas de cultura pentecostal.

2 Pós-doutor em Ciências da Religião (Mackenzie/SP); Educação (USF/SP), Direitos Humanos (Universidade de Coimbra) e Antropologia (PUC/SP). Doutor e Mestre em Direito. Mestre em Ciências da Religião. Bacharel em Teologia, Filosofia e Direito. Coordenador da Pós-graduação stricto sensu da Faculdade Evangélica de São Paulo/FAESP. Professor universitário e pesquisador, com dezenas de obras publicadas. Coordenador do Curso de Direito do Centro Universitário Braz Cubas. Pró-reitor de Regulação, Pesquisa e Extensão na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2021-2024. Coordenador Adjunto do Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Braz Cubas (2023-2025). Acadêmico e Pesquisador Sênior da *Accademia Napoletana*, Nápoles, Itália. Conselheiro da Junta de Educação Religiosa da Convenção Batista do Estado de São Paulo, 2020-2021.

3 Graduação em Teologia pelo Seminário Bíblico de São Paulo (1987), graduação em Ciências Sociais pela Universidade São Marcos (1993), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1996) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007). Coordenador do Curso de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012-2014). Coordenador do curso de Pós-graduação do Programa de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2014-2019). Colaborador no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte, História da Cultura (2020-2021). Professor do Centro de Educação, Teologia e Filosofia (CEFT) da UPM., nos cursos de Pedagogia, Filosofia e Teologia, presencial e EaD. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da religião (pentecostalismo).

4 Pós-doutor em Educação, Artes e História (Mackenzie), Doutor em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Teologia (FABAPAR), Mestre em Educação (UMESP). Teólogo, Historiador e Pedagogo. Atualmente, finalizando Doutorado em Educação (PUC-Campinas). Professor de Teologia e de Pedagogia da FAESP e da FABAD.

delidade doutrinária se apresentam como critérios de avaliação diante da tentação da velocidade e da quantidade como novos ídolos da era digital.

**Palavras-chave:** Dromorreligião. Dromologia. Igreja virtual. Ecclesiologia. Cultura digital.

## ABSTRACT

This scientific article investigates the phenomenon we designate, through a neologism of our own coinage, as dromoreligion, understood as the contemporary cult of speed and quantity within the Christian religious field, whether in its virtual or non-virtual spectrum. Drawing on Paul Virilio's dromological theory and engaging with the contributions of Zygmunt Bauman and Pierre Bourdieu, the study examines how dromocracy, understood as the political-technological imposition of speed upon human relations, has subjected churches and ministries to a logic of numerical growth detached from the mission of proclaiming the Kingdom of God. The work problematizes the replacement of the prophetic logic by the market logic within ecclesiastical communities, with particular attention to fundraising practices and the omnipresence of religious offerings in digital culture. Finally, drawing on biblical foundations, the article proposes a path of pastoral discernment before dromoculture, in which discipleship, fraternal communion, and doctrinal fidelity emerge as criteria of evaluation before the temptation of speed and quantity as new idols of the digital age.

**Keywords:** *Dromoreligion. Dromology. Virtual church. Ecclesiology. Digital culture.*

## INTRODUÇÃO

Dedica-se este trabalho ao exame de um fenômeno recorrente na vivência cotidiana de parte das organizações religiosas contemporâneas, mas ainda carente de tratamento científico sistematizado: a submissão de igrejas e lideranças eclesiais ao império da velocidade e da quantidade, valores que, na sociedade em rede <sup>5</sup>, assumiram contornos quase sacros. Para nomear esse fenômeno, propomos, como contribuição original desta pesquisa, o neologismo dromorreligião, cunhado a partir do diálogo com a teoria dromológica do filósofo francês Paul Virilio.

<sup>5</sup> Utilizamos a expressão sociedade em rede a partir de Manuel Castells, para quem as tecnologias da informação reorganizaram a base material das sociedades contemporâneas em torno de redes eletrônicas, substituindo o espaço de lugares pelo espaço de fluxos, de modo que a capacidade de conexão à rede passa a ser critério de inclusão ou de marginalização social (Vide: CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2009).

A escolha do termo pretende oferecer às ciências da religião e a teologia prática <sup>6</sup> um instrumento conceitual capaz de descrever a substituição da lógica profética pela lógica de mercado no interior de comunidades que buscam pautar-se pela fidelidade ao Evangelho e pela edificação mútua dos fiéis. Interessa-nos, sobretudo, investigar como essa dinâmica se intensifica no ambiente virtual, espaço em que organizações religiosas, libertas das limitações físicas do templo, encontram tanto a oportunidade de alcançar multidões quanto o risco de converter-se em mero engenho de captação de seguidores e de arrecadação financeira.

O problema que orienta este artigo pode ser assim formulado: em que medida a dromocracia, entendida como imposição da velocidade e da quantidade como critérios de legitimidade social, compromete a natureza e a missão da igreja cristã, notadamente das organizações que atuam no ambiente digital? Sustentamos a hipótese de que a dromoreligião, quando não identificada e enfrentada pelas lideranças eclesiais, converte a comunidade de fé em empreendimento de finalidade mercadológica, esvaziando-a de sua vocação de formar discípulos e substituindo-a pela mera acumulação de seguidores digitais.

Metodologicamente, o trabalho vale-se de revisão bibliográfica qualitativa, articulando a teoria dromológica de Virilio, a sociologia da modernidade líquida de Bauman e a reflexão teológico-econômica de Jung Mo Sung, sem prescindir do recurso às Escrituras como fonte última de avaliação teológica do fenômeno investigado, coerentemente com a tradição cristã histórica em que este estudo se propõe.

## **1. A VELOCIDADE E A QUANTIDADE COMO PADRÕES MORAIS DE EFICIÊNCIA**

Com o advento da internet, intensificou-se a tentativa de relacionar as experiências humanas a partir de aspirações centradas na velocidade e na quantidade, parâmetros que se converteram em critérios de aferição da própria qualidade de vida. Impõe-se, na contemporaneidade, como padrão de comportamento desejável, exatamente aquilo que antes era tido por excesso: a pressa e a multiplicação incessante de tarefas. Não atender a essa imposição converteu-se em uma espécie de desvio moral.

<sup>6</sup> Teologia prática é o ramo do saber teológico que articula a reflexão bíblico-doutrinária com o exercício concreto do ministério e da vida da igreja, ocupando-se de disciplinas como homilética, liturgia, aconselhamento pastoral, educação cristã e administração eclesial, com o propósito de capacitar a igreja para o cumprimento fiel de sua missão no mundo (conf. BROWNING, D. Practical theology and religious education. In: MUDGE, L. S.; POLING, J. N. (Org.). *Formation and reflection*. Philadelphia: Fortress, 1987. A fundamental practical theology. New York: Publishing Co, 1991; GRIMES, H. What is Practical Theology. *Perkins Journal*, v. 30, n. 30, p. 115-180, Spring 1977).

O sujeito veloz passou a ser aquele que corresponde às demandas da dromocracia. A pessoa ágil, capaz de conduzir múltiplas atividades simultâneas, tornou-se o modelo ideal dos tempos atuais. O lento, ao contrário, passou a representar o fracasso, o desajuste e a imperfeição. Numa palavra, a própria imoralidade personificada.

Zygmunt Bauman já observara que a capacidade de mobilidade e de deslocamento rápido se converteu, na modernidade líquida, em instrumento privilegiado de poder e de dominação. A observação ilumina a compreensão de que a velocidade ganhou sentido moral: quanto mais ágil se demonstra o indivíduo ou a organização, mais digno de confiança ele é socialmente considerado. Quando não atende a essa imposição, é posto em condição de marginalidade entre os seus pares, e, nas redes sociais, o prejulgamento dirigido a alguém relaciona-se, não raro, à quantidade de seguidores que ostenta.

Para sustentar esse ciclo interminável de aquisição e descarte, consolidou-se aquilo que Bauman denominou indústria da eliminação e do descarte de dejetos, atividade que se tornou uma das raras engrenagens econômicas imunes aos caprichos do mercado de consumo.

As redes sociais potencializaram antigas práticas humanas de observação da vida alheia, convertendo-as em hábito quase automático de publicação instantânea das experiências cotidianas. A ordem implícita é publique-se rápido e em grande quantidade, sob pena de ser esquecido.

Tais pontos integram o rol de desafios que as organizações religiosas, virtuais ou não, deverão necessariamente enfrentar. Os efeitos da velocidade sobre as sociedades contemporâneas foram objeto de proposta investigativa específica, a dromologia, cujos fundamentos examinamos a seguir, para deles extrairmos a proposta conceitual que constitui o objeto central deste artigo.

## **1.1 Dromologia, Dromocracia, Dromoaptidão e o Neologismo Dromoreligião**

No final da década de setenta do século XX, Paul Virilio concebeu o conceito de dromologia, neologismo formado a partir do grego dromos (corrida) e logia (estudo aprofundado). A dromologia consiste, assim, no estudo dos efeitos da velocidade sobre as relações interpessoais nas sociedades organizadas. Em diálogo com Sylvère Lotringer, Virilio atribuiu à velocidade, e não propriamente à riqueza, o papel de instrumento fundante do poder, afirmando encontrar-se toda organização social fundada, em alguma medida, numa determinada relação de velocidade.

Pierre Bourdieu já estabeleceria relação entre riqueza e violência, notadamente ao tratar da violência simbólica na acumulação de capital. Virílio, a seu turno, propôs-se a avançar sobre essa relação, entendendo insuficientes os estudos dedicados à conexão entre velocidade e violência, sendo este o núcleo de sua proposta dromológica.

Dessa investigação nasceu ainda o termo dromocracia, o fenômeno político de imposição da velocidade sobre as relações humanas e institucionais, em que cada indivíduo carrega sobre si a obrigação de agir cada vez mais rápido, realizando cada vez mais ações em cada vez menos tempo. Não basta, nesse regime, apresentar-se como ser humano no exercício de suas potencialidades: impõe-se apresentar-se como ser veloz, dotado da capacidade de sempre superar os próprios índices de velocidade.

Em tempos de tecnologia digital, a dromocracia radicaliza-se, pois a velocidade se impõe tanto na realidade analógica quanto na virtual, sendo os lerdos relegados àquilo que denominamos sobras e marginalidade digital, exigência que aqui chamamos dromoaptidão.

Virílio, quando da elaboração de sua teoria, não dispunha ainda da internet consolidada, mas seu pensamento revela-se surpreendentemente atual, sobretudo porque, em sua leitura, a salvação das agruras existenciais já não residiria na fuga, mas no próprio ato de correr. Quanto maior a aptidão para a corrida, maior a possibilidade de sobrevivência. Reconhece-se, aqui, caráter quase soteriológico em sua aposta, ainda que o autor não tivesse propósito de conferir ênfase religiosa às suas pesquisas.

Na dromologia, a salvação não se concentra mais no mero ato de se esconder de um predador, mas na fuga. Longe de ser uma episódica, esse movimento passa a ser representado por uma corrida sem fim, que cada vez mais exige velocidade. Velocidade esta que nunca é suficiente para o empreendimento da contemporaneidade.

É a partir dessa lacuna que situamos a contribuição original ora submetida à comunidade científica. Tomando por base a teoria dromológica de Virílio, propomos o conceito de dromorreligião, compreendido como o culto à velocidade enquanto nova divindade das sociedades dobradas à dromocultura.

Com efeito, a tendência humana de erigir ídolos encontra variações conforme a realidade social em que o humano se encontra inserido. Em sociedades dromocráticas,

consolida-se cenário propício à formação dessa nova divindade, a própria velocidade, cujo rival constante é a lentidão, temida por seus devotos como sacrilégio. Do ponto de vista das estruturas religiosas, a dromorrelição pode ainda ser compreendida como a atuação de organizações de propósito mercadológico voltadas à arregimentação de fiéis-seguidores, com vistas à arrecadação rápida e sucessiva de recursos financeiros em proveito de seus líderes.

Pode ser identificado, ainda, em estruturas onde a pressa de crescimento de igrejas é incentivada e atrelada ao sucesso ministerial, marginalizando as comunidades menores, que não crescem na mesma velocidade que as mega igrejas e que são tidas como em fracasso espiritual, em muitos casos, culpando os líderes que estão à frente da comunidade.

Isso pode nos levar ao diálogo com o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em sua obra *A sociedade do cansaço* (2010). Para ele, a sociedade atual não é mais dominada pela repressão ou pela proibição, como era a sociedade disciplinar de Michel Foucault, mas por um excesso de positividade. Hoje, em vez de sermos obrigados, somos constantemente convidados a produzir, melhorar, superar e realizar. A pressão vem de dentro: cada um é seu próprio algoz, seu próprio patrão. O sujeito atual é um sujeito de desempenho, que se explora a si mesmo voluntariamente em nome da produtividade, o que leva ao colapso psíquico.

Nesse modelo, os indivíduos deixam de ser vítimas de uma força externa autoritária e se tornam empreendedores de si mesmos. Eles se cobram por resultados, por metas pessoais e profissionais, e desenvolvem uma relação constante com o fracasso. Não alcançar a “alta performance” é interpretado como culpa pessoal. Essa lógica produz esgotamento físico e mental, gerando uma epidemia de doenças psíquicas como a depressão, o transtorno de ansiedade e a Síndrome de Burnout — marcas registradas da sociedade do cansaço.

Para Han (2010), essa forma de sofrimento é silenciosa e insidiosa porque não vem de uma opressão visível, mas de uma liberdade excessiva que virou obrigação de sucesso. O ideal neoliberal do “você pode tudo” transforma-se numa tirania da autorrealização. O sujeito se cansa não por excesso de esforço físico, mas por excesso de exigência interna. A positividade sem limites suprime o espaço da pausa, da contemplação e da fragilidade. O tempo é colonizado pela produtividade, e o ócio passa a ser visto como um desperdício, de modo que podemos pensar numa *sociedade do desempenho*, que, por natureza, é dromológica; e numa *igreja do desempenho*, que segue os ditames da dromorrelição.

## **2. O RISCO DA SUJEIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES ECLESIAÍSTICAS À DROMOCRACIA**

Durante séculos, igrejas e organizações religiosas ditaram as regras de comportamento para sociedades inteiras. Desde Constantino, no século IV, estabeleceu-se a sujeição jurídica dos súditos do Império à religião oficial do Estado, modelo que, inflado pelo poder político, manifestou-se alternadamente na história do cristianismo, ocidental e oriental, não sendo exclusividade católica, pois também o protestantismo, em certos momentos, valeu-se de instrumentos análogos para a imposição da fé reformada.

Na dromocracia, contudo, o jogo se inverte, e são os titulares do poder cibernético que passam a ditar o ritmo das relações humanas, sem qualquer consulta ao poder religioso.

Os grandes conglomerados econômicos tomam para si o poder tanto do Estado quanto das organizações religiosas. Embora alguns líderes religiosos busquem ascensão nessa nova ordem, ainda não a alcançaram de modo absoluto, por não serem proprietários dos mecanismos tecnológicos geradores de velocidade. Subsiste, na dromocracia, sentido salvífico atribuído à velocidade. Mas a capacidade de ditar os dogmas dessa soteriologia não permanece inteiramente nas mãos das agências religiosas, que apenas se sujeitam às regras já preestabelecidas pelo poder tecnológico. Tem-se, assim, a migração radical em que a dromorreligião surge como alternativa para incluir as organizações religiosas no jogo de poder vigente.

A dromocracia não exige a extinção da democracia, caminhando de modo simbiótico com todos os regimes políticos, sejam democracias, sejam teocracias, adaptando-se a qualquer ambiente em que se imponha a lógica da velocidade. Mesmo diante do relativo enfraquecimento das organizações religiosas nessas sociedades, não se está diante de movimento propriamente secularizante: a dromocultura não pretende eliminar a religião, mas impor-lhe nova percepção, que passa a reivindicar celeridade e adequação à imposição tecnológica.

Ao que parece, as organizações religiosas sujeitas à dromocracia dobram-se, assim, ao poder tecnológico, na tentativa de não se tornarem obsoletas para devotos da velocidade e apavorados diante da lentidão, anseiam pela rápida produção de conteúdo em quantidades elevadas para prender a atenção nas redes sociais. Expressão tecnicamente adequada, pois, em muitos casos, tais instituições já não lidam propriamente com membros, mas com seguidores digitais.

No contexto virtual, em que a tecnologia se converte em quase objeto de adoração, o desafio das organizações eclesiais é denunciar o culto à velocidade e à quantidade, resgatando os seres humanos submetidos a essa dinâmica de aviltamento da vida.

### **3. O IMPERATIVO DO SUCESSO ECLESIAL E A SUBSTITUIÇÃO DA LÓGICA PROFÉTICA PELA LÓGICA DE MERCADO**

As igrejas sujeitas à dromocracia encontram-se condicionadas à busca do crescimento quantitativo em larga escala, relegando o crescimento qualitativo a plano secundário. Para essa dinâmica, o que importa é crescer e demonstrar publicamente que se cresceu, estabelecendo-se acirrada competitividade entre organizações religiosas, na qual o possível fiel (compreendido como mero público-alvo) é disputado por todas as agências promotoras de bens simbólicos de religião adeptas do que aqui denominamos dromoreligião.

A cultura do crescimento como imperativo de sucesso converte-se em sinônimo de prosperidade material quando a igreja passa a ser compreendida como negócio lucrativo, sendo necessário, para os seus idealizadores, aumentar a quantidade de membros para que a arrecadação de ativos financeiros apresente resultados céleres.

Em sentido oposto a esse anseio, há organizações religiosas genuinamente interessadas em crescer, tanto quantitativa quanto qualitativamente, para a promoção do Reino, desígnio presente nos fundamentos da igreja enquanto anunciadora das boas novas. Jung Mo Sung já observara que a missão da igreja não consiste no crescimento numérico, mas na assunção da missão de Jesus, centrada no anúncio do Reino de Deus. Nas organizações vinculadas à dromoreligião, contudo, não se formam propriamente membros, tampouco se estabelecem raízes duradouras, de sorte que os seguidores conquistados poderão, a qualquer momento, peregrinar para outras ofertas religiosas, inexistindo vínculo genuíno entre organização e seguidor.

Podemos dialogar com a ideia de “Era do Vazio”, de Gilles Lipovetsky, o qual descreve a condição cultural e existencial das sociedades ocidentais contemporâneas. Segundo ele, vivemos uma época marcada pelo individualismo, pela leveza e pela perda de grandes narrativas e ideologias mobilizadoras. A pós-modernidade, nesse sentido, não é apenas um tempo de rupturas, mas de *desencantamento*, onde a busca por sentido profundo é substituída pela valorização do efêmero, do consumo e do culto ao bem-estar. Deste modo, na “Era do Vazio”, o narcisismo predomina: os indivíduos estão centrados em si mesmos, buscando satisfação pessoal e evitando compromissos profundos com causas ou instituições.

Isso nos leva a pensar na retroalimentação dos pastores que precisam atuar como empreendedores, visando atingir determinado nicho, cujo sucesso é demarcado pela quantidade de membros e/ou de arrecadação (Corrêa, 2016). Na prática, eles buscam hiper maximizar “membros, recursos, apoio governamental [e] outros determinantes do sucesso institucional” (Iannaccone, 1997, p. 27), de maneira que suas ações “são modeladas como respostas racionais às restrições e oportunidades do mercado religioso” (Iannaccone, 1995, p. 77).

Quando a igreja passa a operar pela lógica do marketing em detrimento da lógica profético-apostólica <sup>7</sup>, ocorre inversão de método: procura-se, em primeiro lugar, identificar os desejos dos fiéis-consumidores para, a partir deles, elaborar-se o discurso religioso a ser ofertado, quando o correto seria buscar primeiro a vontade de Deus revelada nas Escrituras, para então anunciá-la, ainda que em conflito com os desejos da maioria.

Em episódio paradigmático em Atos 8, o mago Simão é severamente repreendido pelos apóstolos por oferecer-lhes dinheiro em troca do que imaginava ser mera técnica de partilha de dons espirituais. Chama a atenção, ainda hoje, o fato de que se encontram líderes religiosos entre as pessoas mais ricas do mundo, fortunas que, não raro, decorrem justamente da capacidade de convencer os fiéis a se tornarem doadores de significativas quantias durante os eventos litúrgicos.

#### **4. ECLESIOLOGIA BÍBLICA E DISCERNIMENTO PASTORAL DIANTE DA DROMOCULTURA**

Firmadas as premissas em que sustentam o conceito de dromorreligião, submetemos o fenômeno ao crivo das Escrituras, critério normativo para o discernimento pastoral diante da recorrência da proposta da velocidade e da quantidade. O retrato da igreja primitiva, em Atos 2.42-47, oferece paradigma de saúde eclesial: os primeiros cristãos perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações, e o Senhor acrescentava, diariamente, à igreja aqueles que iam sendo salvos. O crescimento, longe de ser meta perseguida pela comunidade, era compreendido como consequência da fidelidade à doutrina e da vivência da comunhão fraterna. A dromorreligião inverte essa ordem, transformando em fim aquilo que as Escrituras sempre apresentam como fruto.

<sup>7</sup> Interessante é a proposta de Agamben na alternância do profeta e o apóstolo, *in verbis*: “o apóstolo [Paulo] fala a partir da vinda do messias. Nesse momento, a profecia deve silenciar: ela está, agora, realmente realizada (esse é o sentido da sua tensão íntima voltada para um fechamento). A palavra passa ao apóstolo, ao enviado do messias, cujo tempo não é mais o futuro, mas o presente. Por isso, a expressão técnica para o evento messiânico é em Paulo: *ho nyn kairós*, ‘o tempo de agora’; por isso, Paulo é um apóstolo, e não um profeta” (AGAMBEN, Giorgio. *O Tempo que Resta*: um comentário à Carta aos Romanos. Trad. Davi Pessoa e Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 79).

Também a Grande Comissão, em Mateus 28.19-20, não ordena multiplicar seguidores, mas fazer discípulos, ensinando-os a guardar tudo quanto Cristo ordenou. Há diferença substancial entre seguidor e discípulo, que a dromorreligião tende a obscurecer: o primeiro conquista-se com rapidez, mediante técnicas de persuasão digital; o segundo forma-se por processo lento e exigente, incompatível com a lógica da velocidade. O discipulado supõe tempo de convivência, correção fraterna e ensino sistemático <sup>8</sup>, elementos que a dromocultura tende a descartar por excessivamente morosos.

As epístolas pastorais não se furtaram a advertir contra a cobiça disfarçada de piedade: Paulo, ao instruir Timóteo, associou a busca de lucro à falsa doutrina, advertindo que o amor ao dinheiro está na raiz de muitos males; a segunda epístola de Pedro, por sua vez, alerta quanto ao surgimento de falsos mestres que, movidos pela ganância, exploram os fiéis com palavras fingidas, advertência de inquietante atualidade diante das práticas examinadas neste artigo.

A fidelidade eclesiológica proposta como antídoto à dromorreligião não consiste em negar a legitimidade do uso de tecnologias digitais por organizações religiosas, o que seria postura prejudicial à extensão do Evangelho, mas em recusar que a velocidade e a quantidade se convertam em critérios de validação da autenticidade eclesial. A igreja fiel poderá e deverá valer-se dos recursos tecnológicos disponíveis, desde que os subordine à doutrina bíblica, e não o inverso. Impondo-se à liderança eclesial o dever de vigilância permanente, para discernir quando o crescimento decorre da bênção de Deus sobre a fidelidade de seus obreiros, e quando decorre, isto sim, da aplicação de técnicas mercadológicas de captação de seguidores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia da informação transformou-nos em seres humanos híbridos, que exercem seus modos de existir, simultaneamente, nos planos virtual e não-virtual. Fenômeno este que se reproduz nas organizações religiosas. Surgiram, assim, as igrejas híbridas, que mantêm suas práticas litúrgicas historicamente estabelecidas, transmitindo-as, com ajustes, para as redes sociais. De outro giro, as igrejas que atuam apenas no ambiente digital, prescindindo de espaços físicos para seus ritos, enfrenta o desafio permanente de se prepararem para o cumprimento da missão da igreja idealizada, em suas origens milenares.

<sup>8</sup> O tempo para maturação do discípulo, de longa data, é objeto de abordagem na literatura religiosa. Por todos, vide: FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da Igreja e do Obreiro*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981; CABRAL, Elienai. *Mordomia Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006; SOUZA, Lécya Nunes de. *Diaconia: da escolha à consagração*. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

A dromorreligião, compreendida como o culto à velocidade e aspiração ao rápido crescimento, com utilização de técnicas persuasivas voltadas à arrecadação financeira e poder, não constitui escândalo restrito às organizações que atuam exclusivamente no âmbito virtual. Trata-se de fenômeno que reclama atenção permanente dos pesquisadores vinculados às ciências da religião e à teologia prática.

Esforçamo-nos, ao longo deste artigo, por demonstrar que as igrejas virtuais vieram para ficar, sendo impossível rejeitá-las ou ignorá-las, mormente diante do fato de que considerável parcela de pessoas, hoje, sente-se mais à vontade nas comunidades virtuais. O que não constitui, por si só, demérito, mas modo de ser próprio das novas gerações. Há, nessa condição, uma miríade de peregrinos virtuais que poderão encontrar, nas igrejas virtuais, autênticas jornadas de fé, desde que tais organizações, resistindo à tentação da dromorreligião, permaneçam fiéis à missão que Jesus de Nazaré confiou à sua igreja: proclamar o Evangelho, fazer discípulos e edificar, com paciência e sem pressa, o corpo eclesial, subordinado, em todo tempo, à Palavra que não passa, ainda que passem os céus e a terra.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O tempo que resta**: um comentário à Carta aos Romanos. Tradução de Davi Pessoa e Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

AMANCIO, Verceles. Velocidade e política de Paul Virilio. **Em Debate: Revista Digital**, Florianópolis, n. 2, p. 71-89, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/21718/19712>. Acesso em: 8 jul. 2026.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BROWNING, Don S. Practical theology and religious education. In: MUDGE, Lewis S.; POLING, James N. (org.). **Formation and reflection**: the promise of practical theology. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

BROWNING, Don S. **A fundamental practical theology**: descriptive and strategic proposals. Minneapolis: Fortress Press, 1991.

CABRAL, Elienai. **Mordomia cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CORDEIRO, Edmundo. **A dromologia**. Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC), set. 1996. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-dromologia.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2026.

Corrêa, Victor Silva. **Pastores como empreendedores**: análise sob perspectivas comportamental e relacional. 2016, 313f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Administração, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [https://bib.pucminas.br/teses/Administracao\\_Correa-VSS\\_1.pdf](https://bib.pucminas.br/teses/Administracao_Correa-VSS_1.pdf). Acesso em: 22 ago. 2026.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da Igreja e do Obreiro**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

GRIMES, Howard. What is practical theology? **Perkins Journal**, Dallas, v. 30, n. 3, p. 15-18, Spring 1977.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

IANNACCONE, Laurence. Voodoo Economics? Reviewing the Rational Choice Approach to Religion. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 34, n. 1, 1995, p. 76-88. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1386524?uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102281772787>. Acesso em 22 ago. 2026.

\_\_\_\_\_. Rational Choice: framework for the scientific study of religion. In L. A. Young (Ed.). **Rational Choice Theory and Religion**. New York: Routledge, 1997, p. 25-44.

MARIUTTI, Eduardo Barros. **Nota sobre o pensamento de Paul Virilio**: guerra, imagem e velocidade. Texto para Discussão, Campinas: Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, n. 381, maio 2020. Disponível em: <https://www.econ.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD381.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2026.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. [trad. Therezinha Monteiro Deutsch]. Barueri: Manole, 2005.

OLIVEIRA, Fernando José Reis de. Mídia, imagem e poder na sociedade em rede: reflexões sobre o poder e a regulação simbólica na era das redes de mídias. In: **Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade**: Mídias e Direitos da Sociedade em Rede, 5., 2019, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/1.2.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2026.

PINTO, Ênio Brito. Devagar, que eu tenho pressa. **Viver Psicologia**, São Paulo, ano 3, n. 31, p. 19, abr./maio 1995.

SILVA, Mario Finotti. **Dromologia, dromocracia no contexto da civilização cibercultural**: a velocidade como imperativo da vida social. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2014. Disponível em: [https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/tainacan-items/191/5639/comunic\\_mariofinottisilva.pdf](https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/tainacan-items/191/5639/comunic_mariofinottisilva.pdf). Acesso em: 29 jul. 2026.

SOUZA, Leczy Nunes de. **Diaconia: da escolha à consagração**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

SUNG, Jung Mo. **Desejo, Mercado e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIRILIO, Paul. **Vitesse et politique: essai de dromologie**. Paris: Éditions Galilée, 1977.

\_\_\_\_\_; LOTRINGER, Sylvère. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. Trad. Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.



# FAESP

FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO